

Capítulo 45

Majoris estava deitado, sozinho na paisagem que já havia se tornado típica de Arellan. Escombros e mais escombros se empilhavam de tal modo que não era possível dizer onde era rua ou avenida ou onde as construções ficavam originalmente.

Ravlar foi o primeiro a vê-lo, mas todos foram capazes de senti-lo. Seu poder pulsava como ondas invisíveis que faziam arrepiar a pele e latejar a cabeça. O vento e a terra voavam como se pesassem o mesmo, em uma estranha tempestade de areia, calma demais para se chamar de tempestade, suficiente apenas para confundir a visão e deixar o local ainda mais sujo e desolado.

O cientista foi também o primeiro a escutar seus gemidos. Majoris gania como um cão ferido, ao lado de uma sombra estirada ao chão.

A sombra era Desirée, totalmente imóvel, apesar de não apresentar sinais de violência. Como se ela tivesse apenas caído, desmaiado, para nunca mais levantar. A coleira de Majoris ainda estava entrelaçada em seus dedos, e o lobo dourado não fazia menção de se afastar.

“Majoris está agitado. Vamos nos aproximar vagarosamente.” – sugeriu Ravlar.

“Devemos formar um círculo ao redor dele, certo?” – Ashira perguntou.

“Sim. Somos cinco e os cristais são seis. Alguém deve segurar dois. Não importa realmente quem fica com qual elemento.”

Os seis cristais repousavam nas palmas abertas de Ravlar.

“Eu não confio em você com dois cristais!” – Rukasu disse, e estava prestes a pegar dois para si, mas Albur o puxou.

“Ravlar, se vamos ficar em um círculo, é melhor que Rukasu esteja o mais longe possível de você.” – ela disse, pegando apenas um cristal para cada um e então se afastando.

Ravlar olhou para quem restava.

“Fique com dois, Ashira.” – ele estirou a mão com dois cristais a ela. – “Acho que você é a mais responsável.”

“Não diga besteiras.” – ela se atrapalhou e quase deixou os cristais caírem. – “Viu? Você é o mais forte, deveria ficar com eles.”

“E eu?”

O Guardião do Fogo estava ali, ressentido em como todos o ignoravam – Ashira em especial. Por muito tempo fora líder, porém ao perceber que não tinha escolha, havia aceitado apenas seguir. Será que não merecia ser perdoado? Será que não merecia ser lembrado?

“Fique com eles. Confie em mim.” – Ravlar disse, respondendo Ashira primeiro, para só então dar-se conta de Maia. – “Tome um. Deixe-o com Ashira se você sentir que precisará descansar.” – ele jogou um cristal para Maia e então apressou-se à frente.

Majoris só tinha olhos para Desirée. Ravlar bateu no próprio peito, procurando chamar-lhe a atenção.

“Lembra-se de mim, Gosma?”

O tamanho avantajado do cientista e a areia no ar escondiam o restante do grupo. Rukasu e Albur deram a volta para ficarem atrás de Majoris, enquanto Ashira e Maia foram para os lados.

O lobo olhou para Ravlar, mexendo as orelhas como um nekomimi mas, fora isso, imóvel. Deitado ao lado de Desirée, parecia esperar que ela se levantasse.

“Não te culpo se não se lembrar. Eu estou muito diferente, não é mesmo? Mas você está mais ainda.”

O lobo ficou nas quatro patas, olhando-o atento. Ashira sentiu-se paralisada por um instante. E se Majoris atacasse Ravlar, o que eles iam fazer?

“Sinto muito por tudo que houve, Gosma. Sinto mesmo.”

Majoris teve um vislumbre de recordação. Deu dois passos na direção de Ravlar e, quando o corpo de Desirée foi arrastado alguns centímetros, parou. Sacudiu-se da coleira, se libertando e fazendo com que os escombros sob seus pés se abrissem para escondê-la., fechando-se logo em seguida.

“Ele quer protegê-la. Não sabe que ele próprio a matou.” – Ashira pensou, mas nada disse, visto que palavras poderiam atrair a atenção de Majoris para si.

Ela posicionou-se ao lado direito de Ravlar, aproximadamente com a mesma distância que mantinha de Rukasu. Viu Maia fazer o mesmo do lado esquerdo, próximo à Guardiã do Vento.

“Não é um círculo perfeito, mas deve servir.” – ele disse para si mesmo.

Albur levantou o braço fino no ar. Simultaneamente, quatro ondas de vento saíram de seus dedos. Não era um vento hostil, apenas um sinal previamente combinado, uma brisa que, para se distinguir do vento comum, rodopiou ao redor de cada membro do grupo, como se o abraçasse.

A luta começou.

Um ataque surpresa conjunto tinha mais chance de ser bem sucedido do que ataques individuais, ou assim pensaram. A primeira onda foi puramente mágica, com Ashira e Maia atacando com fogo, Rukasu e Albur com vento, e Ravlar apenas direcionando tudo e fazendo com que Majoris não olhasse para os lados.

Majoris pareceu surpreso, mas não irritado.

"Você não mudou nada, não é mesmo, Gosma? Nada te assusta, porque nada te fere."

"Algo o feriu." – Ashira pensou, pensando nos escombros que escondiam Desirée.

Mas Ravlar o chamou uma vez mais, aguardando que o lobo se aproximasse de vontade própria. Aquilo fez com que os outros parassem de atacar.

Apesar dos ataques anteriores, Majoris não hesitou em ir até Ravlar, e se deixou ser afagado pelas mãos grandes de seu primeiro dono.

"Você não vai se lembrar dessas mãos estranhas." – Ravlar continuou. – "Mas o seu pêlo, apesar de dourado, parece o mesmo..."

"Devemos atacar Ravlar." – Albur disse.

"O quê?"

A Guardiã não respondeu com palavras. Lançou sua magia de ar em direção aos cabelos do cientista. Não era um ataque forte o suficiente para machucar, apenas uma irritação, e Majoris olhou para trás rosnando.

"Isso" – ela enfatizou a palavra – "causou uma reação nele."

O vento obedecia Majoris mais do que Albur. Foi questão de segundos para que ela recebesse um golpe, uma onda de ar e areia que a arrastou para fora de sua posição por alguns momentos.

"Grr, idiotas! Majoris é forte demais pra vocês!" – Ravlar disse.

"E como mais íamos irritá-lo? Vê, irritamos você também!" – Albur piscou um dos olhos.

"Isso vocês fazem o tempo todo." – Ravlar continuou, tentando captar a atenção do lobo novamente. – "Majoris! Gosma! Olhe para mim!"

"Não precisamos de técnicas covardes." – Rukasu disse. – "Deixe que ele nos ataque!"

Ravlar trincou os dentes, tentando a mandar Majoris para cima de Rukasu apenas para provar seu argumento, mas Maia lançou uma labareda ao redor do lobo que o distraiu e o fez olhar na direção do Guardiã do Fogo.

"Isso mesmo, mexa com quem é do seu tamanho." – Maia disse.

Majoris olhou para Maia como se estivesse hipnotizado. Depois, virou-se e olhou para Albur uma vez mais, mostrando os dentes e afundando as unhas afiadas no chão como se estivesse ficando mais pesado.

"O que é? Eu não fiz nada dessa vez." – a Guardiã do Vento disse.

Ravlar, mais próximo a Majoris, pôde reconhecer o sentimento do animal. A fúria do reconhecimento.

A terra tremeu ainda mais que antes, mas o vento parou por completo. Todos os grãos de areia caíram de súbito e houve um silêncio absoluto. Os olhos de Majoris se esbugalharam, duplicando e triplicando de tamanho.

Ouviu-se um crack.

Na pele lisa e dourada do animal, uma cicatriz surgiu. Um trinco.

Ashira recuou um passo. Rukasu recuou outro. E então o vento e a terra voltaram a ter vida própria, e a paisagem tornou-se ainda mais indistinguível enquanto Majoris gritava com sua voz animal e sua pele dourada trincava-se mais e mais, com pedaços de ouro e cabelo caindo ao chão. As costelas de Majoris o impulsionavam para cima, crescendo e crescendo, e o grupo inteiro recuou outro passo. As patas de Majoris engrossaram e espicharam, e ele ficou do tamanho de um cavalo grande e gordo, mas então cresceu mais ainda, e o vento empurrou tudo e todos que o cercavam para trás. Os dentes de Majoris ficaram enormes até caírem de sua boca. Majoris ficou muito alto e não era mais possível enxergar sua face em meio a tempestade de areia que misturava-se com neblina, e assim parecia que Majoris sumia nas nuvens, porque as nuvens estavam tão mais baixas que o normal. Tudo que se via era a barriga e as quatro patas gigantes do bicho, todas cobertas de um pêlo cinza e sem brilho.

Rukasu havia caído quando o vento o empurrou. Ele se levantou, notando o enorme animal que Majoris havia se tornado, e olhou ao seu redor buscando o restante do grupo que o acompanhava.

Onde estava Ashira, Ravlar e os Guardiões?

Fechou um pouco os olhos e distinguiu sombras distantes, que pareciam corretamente posicionadas para o uso dos cristais.

“Albur? Mana?” – ele gritou a plenos pulmões. Majoris era tão grande que suas orelhas decerto estavam muito longe.

“Estou aqui!” – Albur gritou de volta. – “Maia está ao meu lado!”

“E Ravlar está ao meu!” – gritou o Guardião do Fogo.

“Mana?” – Rukasu insistiu.

Ashira havia escutado gritos distantes, como se fossem vozes em sua cabeça. Estava completamente petrificada, vendo o rosto anormal de Majoris que parecia mover-se. Os olhos dele eram enormes e brilhantes, e nunca piscavam. O nariz era completamente achatado, como um focinho perdido, pregado a uma parede de pêlos; e a boca era mais estranha ainda: apenas um buraco sem lábios, uma ferida aberta que hora tinha forma de sorriso, hora parecia oval, hora sumia por completo. E cada um desses órgãos estava na

barriga dele, pestanejando como se soubessem estar no lugar errado, tremendo como se pudessem acabar caindo, piscando como se fosse tudo uma ilusão, e Ashira voltou a acreditar que estava louca.

Enfiou a mão no bolso onde carregava os cristais pelos quais era responsável. Pedras pequenas e sólidas, sólidas e reais, e ela apertou com tanta força que sentiu os dedos sangrarem sobre as extremidades pontiagudas.

“Estou aqui!” – ela finalmente gritou de volta, sentindo as pernas tremerem.

Majoris soprou sobre ela. Era um vento halitoso, forte e constante; mas finito. O cristal do vento estava sob controle, e Majoris não poderia continuar aquilo para sempre. Ashira usou sua magia de fogo atrás de si, e o vento parecia inflamável, pois uma labareda se formou sobre os escombros. O fogo não atingia ninguém, era apenas um show pirotécnico, mas Majoris pareceu achá-lo interessante, pois parou de soprar para olhar.

E em questão de segundos ele já olhava para outrem.

Seu rosto havia se movido. Ainda habitava sua barriga, mas outra região dela, uma região que o permitia olhar Rukasu. O garoto xingou e praguejou ao ver a face bizarra, prontamente apontando sua arma para ela e atirando várias vezes. Majoris cuspiu cada uma das balas de volta, mas Rukasu desviou-se delas com seu vento, e continuou a praguejar quando o rosto de Majoris sumiu.

Sumiu porque estava olhando Ravlar. O cientista lembrou-se das transformações de Majoris ao longo dos anos: de gosminha minúscula encontrada em um jardim até o urso peludo que os Guardiões selaram. Bastou outro século e meio fora da caixa, e ele tornou-se assim tão grande, mas ainda estranho, ainda único.

“Como vocês conseguiram errar tanto assim?” – Ravlar gritou, claramente para os Guardiões.

Não precisava de resposta. Era óbvio.

Majoris não foi um erro dos Guardiões. Foi apenas um erro. Talvez, um Guardião errado. Assim como algumas gestações não acabam bem, Majoris não cresceu como devia, mas a sua existência havia sido proposital. Nada mais explicaria como pôde crescer tão bem ao ambiente. E quem mais ele conhecia

que tinha mágica de nascença, mas era singular em sua espécie e tinha origens desconhecidas?

E se a origem de cada um deles fosse a destruição de um planeta? Então Majoris só foi errado porque não destruiu o planeta na surdina. Ele surgiu à superfície cedo demais, destruiu coisas cedo demais. Nada mais somos, Ravlar pensou, do que nutrição para esses deuses. Será que eles imaginaram que, um dia, o nascimento de um deles poderia causar sua destruição?

Bem, era tarde para observações, fossem elas científicas, filosóficas ou uma mistura qualquer. Agora era o momento de ser primitivo e usar os punhos e músculos que, ironicamente, ele havia recebido de Majoris, de sua mágica, de seu sangue. Do Império que, inadvertidamente, amaldiçoou-o com aqueles poderes, e ainda assim, possivelmente salvou a raça humana, a raça Nivulense com eles. Ainda que, por outro lado, tenha condenado o próprio Universo...

Ravlar dobrou os braços e deixou os punhos perto da face. Nunca havia lutado fisicamente, nem mesmo assistido a esportes. Não podia ser tão difícil, ainda mais no caso dele, tão cheio de magia. Ele também não precisava encostar em Majoris para golpeá-lo. Os socos seriam quase uma redundância, mas eles aumentavam a potência dos golpes mágicos, então ainda eram úteis.

Socou o ar com o braço direito. Sentiu-se tolo enquanto executava o movimento, mas ver o resultado o fez sentir poderoso. Foi capaz de distinguir na pele de Majoris o local atingido, e pensou ter visto alguns pêlos cinzentos voarem no ar, mas era difícil dizer. Socou também com o braço esquerdo, e os olhos de Majoris pareceram piscar pela primeira vez naquela forma. Impressão dele? Sentia-se mal por estar golpeando seu animal de estimação, o bichinho que cresceu com ele e lhe fez companhia quando ninguém mais estava por perto. Nenhum deles era culpado por aquela tragédia toda, mas não era questão de culpa. Era questão de resolver um problema, e ambos eram problemas, então fazia todo o sentido que um eliminasse o outro.

Ravlar evitou olhar o rosto de Majoris novamente, não porque fosse um rosto desagradável de se olhar, o que era, mas porque era um rosto estranhamente familiar e nostálgico, que evocava nele emoções que, naquele momento, não se podia permitir sentir.

Talvez Majoris sentisse o mesmo, porque seu rosto moveu-se novamente, fitando a Guardiã de cabelos verdes.

“Eu sei. Você não gosta de mim. Eu não sua fã também.” – ela disse, procurando sorrir e não pensar que aquele era um de seus últimos minutos de vida. – “Mas até que, por sua causa, eu conheci pessoas e lugares legais. Talvez eu devesse te agradecer por isso, cãozinho.”

Albur agradeceu com um ataque e o rosto de Majoris se moveu, olhando Maia com interesse.

“Não concordo com nada disso.” – Maia disse, invocando uma chama. – “Que seja. O que posso fazer sozinho? Estou até mesmo conversando com animais.”

Ele lançou a chama no pêlo de Majoris. Não se alastrava como devia, a neblina e a areia o protegiam, e Maia não quis insistir e gastar todos os seus poderes antes de abrir a passagem para o Universo. Quem sabe, se fosse bem rápido, poderia sobreviver e continuar essa luta lá fora...

Majoris urrou. Parecia sentir-se pesado e cansado, porque praticamente somente seu rosto se movia.

Ravlar continuou a golpear o ar como se fosse um lutador profissional. Os efeitos de seus golpes reverberavam até Majoris, atingindo-o em cheio, doendo mais que qualquer outro ataque que o animal sofria.

Depois de algum tempo, começou a doer em Ravlar também.

Não é que ele sentisse literalmente os golpes refletidos nele. Ele simplesmente sentiu-se fraco, tão fraco como jamais se sentira em seu novo corpo. Começou com uma dor na espinha, espalhando-se por seus órgãos vitais até estar em cada um de seus ossos, por toda a superfície de sua pele.

Depois, veio a inabilidade de se mover. Suas pernas pareceram estar enterradas no chão. O pescoço ficou rígido, de modo que ele não mais pôde olhar para os lados. Os socos no ar tornaram-se desengonçados e lentos, até que seus braços pararam de responder e ficaram inertes.

Aquilo não era surpresa. Ele era tão anormal como Majoris, de certa forma, podia ser até mais; e de toda forma ele era magia. Não era isso que estavam tirando do mundo? Como podia ele sobreviver?

Mas saber que aquilo ocorreria não havia o avisado como ocorreria. Subitamente ele percebeu que era tarde demais para avisar os outros, tarde demais para jogar o cristal que carregava para quem quer que fosse. Sua língua não mais se moveria, seus lábios fechados e anestesiados não mais se abririam.

Havia sido um tolo, e aquele não era um bom pensamento, logo antes de morrer. Não para ele, o inteligente, o racional, o esperto e poderoso. Então percebeu, seu cérebro ainda funcionava. Ainda pensava, e talvez só isso já fosse motivo de orgulho naquele estado. E por que a tolice era dele? Ora, se os humanos fossem expertos, se realmente quisessem salvar seu planeta, que prestassem atenção. Que agissem depressa, que notassem que algo havia de errado. Não podia assumir responsabilidade sobre a inteligência dos outros.

Então olhou novamente para Majoris, e subitamente ele pareceu muito mais perto. Era curioso vê-lo assim, tão diferente do que era há pouco, tão diferente do que era no começo: uma estranha mescla de ambos.

O lobo havia perdido todo o pêlo, e parecia até mesmo ter perdido a carne, semelhante agora a um caramujo gigante, sem casca e de quatro patas. De algum modo, Ravlar sentiu orgulho. Majoris era autêntico, Majoris era seu. Gosma. E não o que quer que seja que o governo tentou fazer com ele, em múltiplas gerações.

Eles ficaram ainda mais perto, ainda que Majoris não estivesse se movendo, ainda que Ravlar não sentisse se mover. Então, seus olhos começaram a falhar. As cores se tornaram sépia, as delimitações ficaram borradas. Sua noção de espaço sumiu, e um silêncio absoluto invadiu seus ouvidos.

Seria ele o único humano da história a morrer duas vezes?

Seria ele o único morto por deuses e por um animal de estimação que, na verdade, também era um deus?

Não era importante. Seja o que for, tudo voltava a sua origem, mais cedo ou mais tarde, e agora era a vez dele.

Seu corpo desapareceu como se nunca tivesse existido, mas o cristal em seu bolso ainda estava ali, e ele caiu sem fazer barulho em meio a poeira e ao caos crescente.

Ainda era dia.

A iluminação escassa parecia sugerir que era fim de tarde, ainda que não fosse o caso. As nuvens e a areia eram demais para deixar a luz se alastrar, mas era óbvio que era dia.

E então não era mais.

Uma escuridão ocultou cada resquício de sol, uma escuridão em forma de chuva pesada. Um dilúvio que apenas não criou um mar porque os escombros, àquela altura, eram impossivelmente altos, e a água encontrava uma maneira de se esgueirar entre todos eles.

Mas as nuvens escuras sobre a região deixaram tudo no mais completo breu. Subitamente era impossível atacar, defender ou fazer qualquer coisa. A chuva caía sufocando, concentrada ao redor de cada um dos atacantes que restavam. Albur e Rukasu tentaram criar barreiras de ar, e elas até foram criadas, mas foram inúteis. O ar decidiu que chegaria a um meio-termo para agradar a ambos, criando uma barreira em todas as direções, menos a que originava a chuva.

Nenhum fogo poderia fazer aquilo evaporar, também.

Albur foi a primeira a cair.

Ela adivinhou o que havia se passado. Em vez de tentar avisar alguém, supôs que seria mais rápido simplesmente flutuar até a posição de Ravlar para obter o cristal de água que ele havia perdido. No entanto, Majoris a acertou no meio do caminho, e quando ela caiu no chão perdeu toda a noção de direção que o vento a oferecia. Ela se arrastou, mas apenas se tornou mais vulnerável. Sabia que não podia se esforçar tanto, ou como perfuraria o campo protecional de Nivel? Então deixou que outro se encarregasse da tarefa.

Gritou: “Rukasu!”

E sumiu.

Fogo contornou a chuva, como se fossem melhores amigos. O fogo passeava em cada gota, paradoxalmente, criando pequenos arco-íris para onde quer que se olhasse.

Pequenas bolhas.

E assim havia luz novamente, como milhares de pequenas lâmpadas piscantes.

Mas elas queimavam, ardiam e machucavam, elas não vinham graciosas, mas violentas, tentando engolir cada um dos atacantes que restavam. Rukasu lutou contra elas, suportando a dor e a agonia, aproximando-se dos cristais de Albur e Ravlar ao passar por baixo de Majoris. A estratégia pareceu funcionar. Ali, embaixo da gosma nojenta e ridícula que aquele animal havia se tornado, os elementos estavam muito mais calmos, muito mais fáceis de aguentar.

Ele sentiu-se triunfal, tão perto, apenas alguns passos a mais, e teria três cristais na sua mão: o seu próprio, o de fogo que Albur havia deixado cair, o de água que Ravlar havia perdido.

Então tudo ficou ainda mais escuro, o fogo que bailava com a água no ar sumiu sem deixar rastros, e Rukasu sentiu-se ser levantado, puxado e engolido, envolto por algo grudento, úmido e horrível, que o cobriu por inteiro e o sufocou.

Seria um espetáculo se não fosse o fim da humanidade. O escuro absoluto alternava-se com a luz de chamas alaranjadas e relâmpagos ao fundo.

Ashira estava coberta de chamas e afogando-se em água ao mesmo tempo, quando os choques elétricos vieram. Estava tudo tão escuro, e então tão confuso, e em seguida múltiplos clarões surgiram no horizonte, e então os clarões estavam bem a sua frente, e a dor de algum modo se intensificou.

Aquilo era o sinal de que tudo estava perdido.

Qualquer ser humano teria desmaiado com a dor. Não, qualquer ser humano teria morrido, mas ela tinha a praga da magia, a praga de ter treinado e feito com que seu corpo conseguisse aguentar, a maldição de ter sido teimosa em vez de ter desistido, e vejam só no que deu, agora sofreria muito mais para no fim ter o mesmo resultado.

Havia gasto quase todas as flechas da aljava quando a chuva começou a cair. Lançava-as em direção a Majoris, com chamas fortes suficientes para sobreviver à tempestade. Orgulhara-se disso.

Então, notou que as chamas de suas flechas se multiplicaram, tornaram-se gêmeas da chuva. Logo percebeu que o cristal de fogo também caíra, e que não poderia ganhar de fogo contra fogo. E como isso não fosse o bastante, o cristão de trovão caiu logo em seguida.

A dor fez com que não suportasse mais ficar em pé. Apalpou seu arco, mas o encontrou em ruínas: havia sido apodrecido pela água e consumido pelo fogo.

O quê mais ela podia fazer?

E o quão ridículo era que ela ainda se perguntasse aquilo, quando claramente a resposta era: nada?

Não poderiam se recuperar após perder a metade dos cristais. Logo perderiam o restante.

O que se pode fazer quando mal se pode mexer, pensar... Passou a mão pelo corpo como se buscasse uma resposta. Enfiou as mãos no bolso para sentir os cristais novamente. Um, dois, três... Três?

Passou os dedos nos próprios dedos, e sentiu o anel de ouro em um deles, a pequena pedra de rubi proeminente. Apertou aquele anel.

Ele era indestrutível, não era?

Ela o puxou do dedo, sentindo-se desfalecer. Não podia ver Majoris, mas tinha uma vaga ideia de onde ele estaria. E ele não era assim tão pequeno, para ser tão difícil de acertar.

Talvez não devesse fazer aquilo. Os Guardiões não podiam se cansar... Mas não tinha outras ideias, e quando não se há mais nada a perder...

Jogou o anel de ouro no ar, e ele voou bem alto, auxiliado pela tempestade contínua. Quando atingiu o máximo de altura antes de cair, Maia viu-se voando sobre Majoris. Assessou a situação rapidamente, e ficou feliz com o que viu, apesar de também ser uma situação crítica. Ashira entendera e agira bem. *Já Majoris é ridículo, o Guardião do Fogo pensou, pois tem o maior e mais poderoso campo mágico, mas não sabe usá-lo.*

Majoris era dependente dos olhos. Então, quando Maia saltou sobre ele, caindo na massa esponjosa e encontrando Rukasu ali, Majoris só percebeu quando já havia perdido um cristal.

Rukasu tossiu e vomitou, enojado, e Maia o arrastou o mais rápido que podia antes que fossem engolidos novamente.

Mas a água e o fogo ainda estavam lá, torturando cada um deles.

Luzes na escuridão. Chuva de fogo. Incêndio de chuva.

Afogando-se nas chamas.

Mas Desirée estava segura, protegida como uma santa, ainda que Majoris provavelmente não pudesse vê-la. Ela flutuava como se dormisse, deitada tranquila em um pedaço de cimento que se afastava do espetáculo de luzes.

Uma sombra se projetou sobre o seu corpo, alastrando-se sob os escombros, passando por Majoris.

A chuva pesada se acalmou aos poucos. Majoris grunhiu como se tivesse fome depois de perder Rukasu, e seu rosto novamente passou em seu corpo, procurando alguém para culpar.

Maia afastara-se de Rukasu para encontrar o cristal da água, e havia sido bem sucedido. Ashira não conseguia lutar, mas resistia, mantendo-se acordada com três cristais. Majoris parecia menor, o que seria um sinal de fraqueza, mas parecer não era bom o bastante: o monstro precisava estar claramente pequeno para que o grupo pudesse triunfar. Era preciso enfraquecê-lo muito mais.

O fogo transformava a tempestade de areia em fumaça densa, e por isso, ainda estava escuro demais para se ver sombras. Escuro demais para Majoris, que se encolheu como se estivesse amedrontado. Talvez se lembrasse de sua prisão.

Rukasu procurava o cristal de fogo em meio aos escombros. Era uma tarefa enfadonha, mas se orgulhava dela. Não era o mesmo garoto que ansiava em lutar mais do que qualquer coisa. Achar o cristal, naquele momento, era a mais importante das batalhas, já que ninguém poderia resistir à magia contínua de Majoris.

De súbito, todas as chamas se apagaram. Rukasu sentiu uma movimentação ao seu redor. Pegou a chave de Albur. Ela havia saído sem ele perceber, e encontrado o cristal?

Decidiu que aquilo não era importante no momento. Voltou-se para Majoris. Era hora da diversão, e ela envolvia balas e vento.

Ashira lutou para ficar em pé. Ver que Majoris perdia cristais deu-lhe forças. Novamente, parecia que ela e seus amigos conseguiam fazer o impossível.

Envolveu as mãos em fogo. Pensou no quanto aquela luta era estranha. Era a última luta, a que eles estiveram esperando, a que demandava mais de todos. E ainda assim, não se podia ver ninguém. Era como se lutasse sozinha, mas eles estavam lá, todos eles estavam lá. *E mesmo que não estejam aqui mais tarde*, ela pensou, *posso sempre me lembrar do quão forte foi nossa união enquanto ela durou.*

Estirou os braços e lançou sua magia de fogo. Estava resoluta de que somente pararia quando desmaiasse.

Majoris diminuiu. Pequeno, não era mais tão assustador, mas apenas uma coisinha engraçada. Mesmo assim, vê-lo daquele tamanho partiu o coração dos Guardiões. Significava que era hora de dizer adeus.

O dia finalmente ia se tornando noite, e a magia de Ashira era de um brilho intenso no cenário desolado, tornando-a fácil de identificar e aproximar.

Maia saltou até ela, tentando fingir que as lágrimas nos olhos eram gotas da chuva de antes, mas esta havia acabado há tempos.

“Ashira, já basta.” – ele disse.

Ela estava concentrada, e precisou levar um tempo para processar as palavras. Quando isso ocorreu, exalou e desceu os braços.

“Maia...”

As palavras ficaram presas na garganta dela. Estava tão focada em apenas atacar, em apenas aguentar tudo que podia, que não se preparou para despedidas, e aquela em especial era muito complicada. Maia mentira para ela, mas também a salvara. Ele fora seu amigo, mas às vezes a deixou sozinha quando ela precisava muito dele. Mas ele estava ali, e eles viveram muita coisa juntos. Não podia ter raiva naquele momento. Estava pensando no que dizer, quando um clarão surgiu no céu, mais alto do que ela conseguia ver, e desceu diretamente sobre Majoris.

O Guardião do Fogo não escondeu sua surpresa. Dirigiu o olhar triste a Ashira e fez menção de afastar-se novamente.

“Albur começou o ritual. Preciso ajudá-la.”

“Espera!” – ela o impediu de ir. – “E... E se você tiver razão? Talvez devêssemos implodir Nivul. Não faz sentido arriscar a vida de todo o Universo, só para salvar um mundo que já está morrendo...”

Maia a encarou. Não era hora de mudar os planos. Era hora de aceitar a decisão tomada e confiar que ela era a correta.

“Tem algo a mais que não lhe contei. O tempo de Nivul está esgotando, é verdade. Isso ocorre porque Majoris a consome o tempo inteiro, e o seu planeta... É apenas um planeta. Já o Universo, é difícil dizer onde começa e onde termina. Isso significa que, lá fora, teremos muito tempo para lutar. Podemos perder, é claro. Mas os Guardiões poderão se preparar.”

“De quanto tempo estamos falando?”

“Bilhões de anos. Então, você pode ter sido mais lógica que eu ao priorizar o seu planeta sobre o universo.”

Ashira assentiu, apesar de não estar totalmente convencida. Estava cansada de discutir. Se o Guardião queria lhe ceder a glória, ela aceitaria.

“Sei que você precisa ir, mas... Talvez haja tempo para um abraço?”

Ela abriu os braços, esperando. Sentiu-se vulnerável novamente. Mas não sabia o que dizer, e palavras não teriam o mesmo peso emocional de toda forma. Quando Maia aceitou o convite do abraço, sentiu que não estava tão sozinha quanto imaginava.

O clarão que unia terra e céu continuava lá. Ashira queria dizer adeus para Albur, mas provavelmente era tarde demais, e ela se lamentava por isso.

Maia pensou que realmente sempre havia subestimado a Guardiã. Sentiu que precisava vê-la, mais do que ajudá-la, antes de fechar os olhos para sempre.

Deixou Ashira para trás. Era o líder dos Guardiões, mas Albur estava fazendo tudo sozinha. Mesmo que a Guardiã fosse mais forte que ele imaginava, ainda não conseguiria abrir e fechar o portal sem ele. Alcançou-a quando Majoris já estava longe na atmosfera.

Os cabelos de Albur brilhavam e flutuavam lindamente. Seus braços se esticavam como se ela estivesse a comandar uma magnífica orquestra. Ela notou o olhar admirador de Maia.

“A vida foi boa para nós.” – ela disse.

“Melhor do que eu poderia ter imaginado.”

Ele notou que Rukasu estava desmaiado ao lado da Guardiã.

“Ele não aceitou dizer adeus.” – Albur disse, sorrindo.

“Humanos. Tão sentimentais.” – Maia falou, e uma lágrima correu por seu rosto. – “Irei me posicionar, Albur. Adeus.”

“Não preciso da sua ajuda.” – ela disse. – “Não precisamos.”

“O-O quê?”

“Fique, Maia. Talvez eles ainda precisem de você.”

Maia a olhou estarrecido. Albur passou a brilhar, e no brilho começou a perder cor. Ele sabia o que isso significava, sabia que ela não mais podia ouvi-lo, mas mesmo assim gritou.

“Albur, não!”

Ele tentou segurá-la em vão. O corpo de Albur explodiu em vários pontos de luz que subiram até o céu, terminando de empurrar Majoris para fora e fechando o portal.

Ashira viu, ao longe, múltiplos pontos de luz vindos daqui e dali, unindo-se para alcançar altura, deixando Nivul na escuridão. Lá em cima, não conseguiu distingui-los das estrelas. Até que se tornaram tão brilhantes que doía olhar, e foi quando ela sentiu suas forças sendo sugadas. Exausta da longa batalha, desmaiou.

“Miau.”

Um gato a lambia. Ashira olhou para o animal, completamente desorientada. Esqueceu-se por um segundo do que fazia ali. Quando lembrou, não achou que um gato pudesse ter sobrevivido na área.

Ela esfregou os olhos. O gato se parecia muito com o Maia, quando estava em sua versão totalmente felina. Mas esse parecia menor. Talvez ainda fosse um filhote. Ela não entendia de gatos, mas o pegou no colo e o afagou.

Observou a destruição ao seu redor. Parecia estar amanhecendo. Ficara desmaiada durante a noite inteira? Ou será que a noite passou tão rápido, que ela não percebeu?

Sentia-se diferente. Sentia-se... Humana.

Olhou seus arranhões e cortes, e eles doíam. Não mais se curariam depressa. De agora em diante ela precisava ir mais devagar, ser mais cuidadosa.

Viu Rukasu se aproximando, e ele mancava.

“Como se sente?” – ele perguntou.

“Estranha. Paradoxal.” – ela precisou de alguns segundos para elaborar o pensamento, e afagou o gatinho em seu colo enquanto isso. – “Me sinto a mesma de antes. E ao mesmo tempo, uma pessoa completamente diferente.”

“Sei do que está falando. Sinto a mesma coisa.”

Rukasu sentou-se ao lado dela.

“É o Maia?” – ele apontou o gato.

“Não sei. Não pode ser ele, pode? Você viu alguém parecendo a Albur?”

“Não.” – ele deu uma risada insossa. – “Bem que tentei.”

Eles ficaram em silêncio por alguns segundos. A cidade-estado de Zili, que deveria ter bilhões de habitantes, estava silenciosa com eles.

“O que vamos fazer agora?” – Rukasu perguntou.

“Difícil responder. Precisamos de um lugar pra morar. Você deveria ir para a escola.”

“E você, não?”

Ashira sacudiu a cabeça.

“Se eu tinha qualquer ideia de profissão antes disso, ela foi pelos ares. Acho que vou me tornar uma bióloga, ou algo parecido. Nosso meio-ambiente vai precisar de muito cuidado, e ninguém vai saber como fazer isso. Então não acho que ir pra escola irá ajudar muito. Talvez eu vá no futuro.”

“Eu concordo com você. E também é por isso que não quero ir pra escola. Quero voltar para Aspronis, para o exército. Pode se juntar a nós, se quiser.”

Ashira pensou em mencionar que ele ainda era menor de idade, e que tecnicamente ela devia cuidar dele. Mas já devia ter parado de achar que as coisas eram simples e ordenadas. Rukasu havia comandado um exército pouco antes, e eles viviam o apocalipse. Uma diferença de um ano para a maioria não fazia sentido.

“Não acho que eu sirva para a vida no exército. E se você vai cuidar de si mesmo, quero ficar um pouco sozinha.”

Rukasu assentiu, e então se levantou.

“Bom, não quero prolongar isso. Acho que vou indo. Me mande cartas, mana.” – e, de forma despreocupada, acrescentou – “Eu amo você.”

Ashira sorriu.

“Eu também te amo, Ruka. E eu não vou sumir, não se preocupe.”

Rukasu enfiou as mãos no bolso, andando sobre os escombros como se estivesse passeando em um domingo. Mas não foi longe.

“Mana?”

“Sim?”

“Acha que somos heróis?”

Ela levou a pergunta a sério.

“Heróis melhoram o que está ruim. Tornam belo e reconstroem o que está destruído. Se não somos heróis ainda” – ela apontou para o mundo a sua volta. – “não nos faltará chance de sermos.”

Rukasu sorriu de orelha a orelha.

“Sábias palavras, mana. Sábias palavras.”